

TITO LÍVIO E A CARACTERIZAÇÃO DO GAULÊS COMO O INIMIGO EM *AB VRBE CONDITA* (VII, 9-10, 26; XXXVIII, 17)

LIVY AND THE CHARACTERIZATION OF THE GAUL AS THE ENEMY IN THE *AB VRBE CONDITA* (VII, 9-10, 26; XXXVIII, 17)

Priscilla Adriane Ferreira ALMEIDA*

Resumo: Tito Lívio, contemporâneo de Augusto, escreveu uma monumental obra intitulada *Ab Vrbe condita*. O texto narrava anualmente os eventos de Roma desde sua mítica fundação até os dias atuais ao autor. Como parte fundamental da história da consolidação do poder da Urbe, há nessa obra a descrição de inúmeros confrontos e guerras entre os romanos e os seus inimigos. No período arcaico de Roma (abordado na primeira década de *Ab Vrbe condita*), os gauleses possuem destaque como grandes opositores da cidade – especialmente nos eventos que culminaram no saque de Roma por volta do ano 390 a.C. Sabe-se que Lívio escreveu sua obra histórica com claro objetivo nacionalista, e ele muitas vezes salientou a superioridade dos romanos frente a nações estrangeiras. Lívio atribuiu a supremacia de Roma às suas origens divinas e elevadas, e usou desse argumento para justificar o domínio romano sobre outras nações. No início deste trabalho, há uma discussão sobre as fontes empregadas por Lívio em sua obra, bem como o papel da influência de Cícero para a escrita de *Ab Vrbe condita*. Além disso, há a seleção de algumas passagens específicas (VII, 9-10, 26 e XXXVIII, 17), que serão abordadas em profundidade a fim de se observar como Lívio construiu a imagem dos gauleses como inimigos de Roma. Para isso, há uma análise sobre os estereótipos, vocábulos e clichês empregados por Lívio, e de como ele manipulou esses elementos de modo a não só retratar os gauleses como inimigos, mas também como inferiores aos romanos.

Palavras-chave: Lívio; Gaulês; Inimigo; Caracterização; Inferioridade.

Abstract: Livy, contemporary of Augustus, has written a monumental work entitled *Ab Vrbe condita*. The text described annually the events of Rome since its mythical foundation until the days of the author. As a fundamental part of the history of the *Vrbs'* consolidation, there is a description of numerous confronts and wars between Romans and their enemies. In the archaic period of Rome (approached in the first decade of the *Ab Vrbe condita*), the Gauls were highlighted as the great opponents of the city – especially in the events that led to the sack of Rome around 390 B.C. It is known that Livy has written his historical work with nationalist purposes, and many times he stressed Romans' superiority above foreign nations. Livy assigned the supremacy of Rome to its divine and elevated origins, and he has used that argument to justify the Romans' domain over other people. At the beginning of this paper, there is a discussion about the sources employed by Livy in his work, as well as the role of Cicero's influence on the writing of the *Ab Vrbe condita*. Besides, there is the selection of some specific parts (VII, 9-10, 26 e XXXVIII, 17), that will be approached in-depth, to observe how Livy has constructed the Gauls' image as enemies of Rome. For that purpose, there is an analysis about the stereotypes, words and clichés employed by Livy, and how he has manipulated these elements in order not only to describe the Gauls as enemies, but also as inferior to the Romans.

Keywords: Livy; Gaul; Enemy; Characterization; Inferiority.

* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: prisadriane@gmail.com.

Introdução

Ab Vrbe condita,¹ a grande obra de Tito Lívio, seria composta em 142 livros, que contavam anualmente a história desde os primórdios de Roma até os acontecimentos contemporâneos ao autor. Além do prefácio,² nos chegaram apenas 35 desses livros, que são: I-X e XXI a XLV, tendo este último uma lacuna ao final. Dos outros livros apenas temos inúmeros fragmentos. Quanto aos livros remanescentes, estes também foram preservados por epítomes (resumos) chamados *Periochae*, provavelmente feitos para propósitos didáticos, como afirma Conte (1999, p. 374). Segundo Lintott (1986, p. 644), Lívio é o primeiro escritor analítico do qual temos uma obra que sobreviveu em boa quantidade, e é através dele e dos elementos de escritos antigos percebidos em sua história que é possível formar julgamentos dos antigos anais da República.³ A tendência romana de se escrever história em uma estrutura anual se justificava pela própria origem dos relatos dos fatos desde meados do século IV a.C.⁴ De acordo com Beck (2007, v. 1, p. 265), a tendência de se fazer historiografia por meio da estrutura analítica assinalava continuidade, segurança, e estabilidade institucional desde os primórdios de Roma até o período contemporâneo ao autor.

O objetivo deste artigo é discutir como se opera a construção da imagem dos gauleses como inimigos de Roma, em passagens selecionadas do livro VII e XXXVIII do *Ab Vrbe condita*. Todos esses trechos foram traduzidos por nós a partir da edição latina estabelecida pela Les Belles Lettres; o texto original virá em notas de rodapé, para facilitar a consulta ao original. Quanto à caracterização dos gauleses como inimigos, discutiremos como Lívio empregou vocábulos, estereótipos e clichês que circulavam na literatura greco-latina, moldando-os e manipulando-os de forma a retratar os gauleses não só como opositores de Roma, mas também como um povo inferior ao romano.

¹ O título traduzido seria “Livros sobre a fundação da Cidade”, mas essa obra também é conhecida simplesmente como “História romana”.

² Desde Heródoto e Tucídides era comum o historiador escrever um próêmio antes de sua obra, com o escopo e propósito do seu trabalho. A partir de Isócrates, esses prefácios passaram a ter grande influência da retórica, e buscavam sobretudo captar a atenção e interesse do leitor para a narrativa, como algo útil e proveitoso (OGILVIE, 1965, p. 23).

³ De fato, como destaca Forsythe (2005, p. 59), apenas Lívio e Dionísio de Halicarnasso deixaram uma quantidade substancial de material sobre a primitiva Roma, e ambos escreveram nas últimas décadas do século I a.C. Todos os outros autores que escreveram sobre o período remoto da história romana nos chegaram muito fragmentados.

⁴ No contexto romano, já existiam relatos rudimentares dos fatos desde meados de 300 a.C. o pontífice máximo escrevia em uma tábula branca os eventos cotidianos, conflitos bélicos, bem como o calendário religioso e prodígios diversos, e essa placa era afixada no fórum (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 10). Além disso, tinham-se registros de leis, tratados diplomáticos, anais religiosos e os registros das grandes famílias patrícias.

Sobre as fontes usadas por Lívio para a primeira década (livros I a X) o autor recorreu sobretudo a Fábio Pictor, Valério Antias (cronista do século I a.C., do período posterior a Sila) e Licínio Macer (proeminente político contemporâneo de Cícero).⁵ Para narrar a expansão de Roma no Mediterrâneo (tratada no livro XXXVIII), Lívio usou especialmente Políbio, de quem, mais do que outras fontes, tomou a visão unificada do mundo mediterrâneo (CONTE, 1999, p. 369).⁶ As descrições do estilo de vida dos gauleses feitas por Políbio foram bastante úteis a Lívio (RANKIN, 1996, p. 72).⁷ Apesar desse uso de Políbio como fonte, Lívio rejeitava a sua visão pragmática da história.⁸ Lívio optou por acentuar o aspecto trágico da narrativa, ao embelezar e variar os acontecimentos de acordo com a retórica historiográfica de Cícero, ao invés de se comprometer com o apuro historiográfico (CONTE, 1999, p. 369).

A concepção historiográfica de Cícero e sua influência em Lívio

Cabe aqui aprofundar a questão dos preceitos historiográficos de Cícero, pois ele teve grande influência em Lívio. Cícero, além de político e orador de sucesso, também foi o primeiro romano de que temos notícia a teorizar sobre a ciência de se escrever história, tema que abordou, sobretudo, em suas obras *De oratore* (Do orador)⁹ e *Orator* (O orador).¹⁰ Destacamos o seguinte trecho (*De Oratore*, II, 36): “De fato, a História, que é testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da antiguidade – através de qual outra voz, que não a do orador, é transformada em imortalidade?”¹¹ Cícero considerava que o dever de se escrever história deveria ser assumido pelo orador, pois apenas ele teria conhecimento, capacidade técnica e refinamento retórico para compor esse tipo de obra.

A ideia de Cícero era a de que o orador deveria ter um vasto conhecimento da cultura geral, além de conhecer a dialética, a filosofia, a retórica, o direito civil e a história (*De Or.*, I, 201). A história, então, seria a base de conhecimento do passado fundamental para o orador ter conhecimento do presente, bem como o meio privilegiado pelo qual o homem pode aperfeiçoar

⁵ Para detalhes sobre esses e outros autores (como L. Cássio Hemina e Q. Cláudio Quadrigário) cf. FORSYTHE, 2005, p. 62 e ss.

⁶ Como destaca Oliver (2006, p. 115), o trabalho de Políbio foi base para partes relevantes da história de Lívio (especialmente os livros XXXI a CXLV).

⁷ Políbio escreveu sobre os gauleses em *Histórias*, II, 17 e ss.

⁸ Para aprofundamento sobre o método de trabalho de Lívio, bem como as fontes utilizadas por ele, cf. Ogilvie (1965, p. 5 e ss.) e também Luce (1977).

⁹ Cf. sobretudo o livro II, 51-64

¹⁰ Cf. capítulo 120 dessa obra.

¹¹ Tradução de nossa autoria. No original em latim, temos: *Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra uitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?*

sua conduta e se situar no mundo. A filosofia também teria esse papel; Cícero, contudo, acreditava que a história seria mais efetiva do que a filosofia já que, no contexto latino, os romanos eram mais sensíveis aos *exempla* do que às palavras que resultavam do pensamento especulativo.¹²

Como destaca Sebastiani (2007, p. 84), Cícero também preconizava que o historiador deveria se ater exclusivamente à composição da narrativa, não necessariamente embasando seu texto em uma experiência própria ou vivência dos fatos – como preconizava Heródoto e Tucídides – ou se preocupando com uma abordagem pragmática, como fizera Políbio.¹³ Cícero estabeleceu que, para o orador, o critério da composição historiográfica não era somente a preocupação em narrar os eventos que aconteceram, mas sim escolher esses eventos e manipulá-los, com o único propósito de convencer a audiência de algum ponto de vista (FORNARA, 1983, p. 170). A história, na concepção ciceroniana, tinha o objetivo concreto de ser fonte de exemplos práticos, para guiar a conduta dos cidadãos em situações parecidas com as narradas nas obras historiográficas (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 18). Também sobre o papel pedagógico da história, assim afirma Sebastiani (2007, p. 95): “Fruto da arte retórica, na concepção ciceroniana a história identifica a instrução do leitor e a preservação da memória como meio de entretenimento deleitoso.” Esse conceito da história não é inovação de Cícero; de fato, Aristóteles (*Retórica*, 1360a) também destacou o caráter útil da história que era escrita sobre as ações dos homens, de modo a fornecer exemplos de como agir frente a problemas ou situações semelhantes aos narrados em tal gênero.

Por conseguinte, Lívio compôs sua obra de acordo com esses preceitos de Cícero, e ele buscou centrar sua narrativa nas ações humanas e nas suas consequências. Além disso, uma característica marcante na historiografia latina, que também tem destaque em Lívio, era a preocupação em analisar os fatos sob o prisma das questões morais, bem como em fornecer vários *exempla* de boas (e más) condutas. O próprio Lívio assim escreveu no prefácio (§10): “Isto é o que há de mais salutar e fecundo no conhecimento dos feitos históricos: contemplar lições de todo tipo, postas numa obra esclarecedora; ali para ti e para tua cidade verás o que imitar, ali o que é desonroso por princípio ou em seus efeitos verás, para evitar”.¹⁴

Devemos lembrar que Lívio, ao contrário do que preconizava Cícero, não se preocupou em fornecer exemplos com finalidades políticas ou relacionados à vida pública. Sem dúvida,

¹² Cf. *Pro Archia*, §14-16.

¹³ Cícero defendia a concepção da história como *historia ornata*, que era escrita de forma bela, com o compromisso da verdade. Daí tem-se a exigência da qualidade do estilo – em se tratando de Cícero, um estilo abundante, sem desacordos, sem paixão, mas que evidenciava as belezas da história (Martin; Gaillard, 1981, p. 115).

¹⁴ Tradução de Oliva Neto (In: MARTINS, 2009, p. 160).

com o novo sistema de governo iniciado com Otávio Augusto, esse tipo de exemplificação perdeu o sentido de existir. Por conseguinte, o grande foco de *Ab Vrbe condita* era o de ajudar o cidadão comum a se desenvolver moralmente, ao acompanhar os antigos feitos e como as virtudes (e os vícios) influenciavam no rumo dos acontecimentos. O uso de *exempla* por parte de Lívio confirmava a grande capacidade retórica pela qual ele foi elogiado e, como destaca Chaplin (2000, p. 72), era um ponto central em sua visão de história, pois a capacidade de manipular a percepção de uma audiência sobre o passado vinha da oratória. Lívio, porém, transformou essa característica em uma ferramenta de interpretação histórica. Os personagens de dentro do texto ensinavam aos romanos “de fora” a verdade simples e direta do que Lívio considerava como o verdadeiro valor da história: as lições deveriam ser lidas e, então, imitadas ou evitadas (CHAPLIN, 2000, p. 77).¹⁵

Por conseguinte, Lívio julgava sua história mais como uma rica atividade retórica do que uma investigação da verdade, como ele colocou no prefácio (§6) do *Ab Vrbe cond.*: “as tradições que, antes de fundada a cidade ou de pensar-se em fundá-la, nos chegam adornadas mais pelas efabulações dos poetas do que por provas autênticas das ações realizadas, essas tradições não tenho em mente nem confirmar nem refutar.”¹⁶ O maior propósito do historiador era o de mostrar que as qualidades morais e intelectuais dos personagens da narrativa tinham impacto decisivo nos eventos. Lívio considerava que os sucessos (e fracassos) dos romanos eram fundamentalmente explicados pelos valores que os personagens desempenhavam na narrativa dramática, como veremos a seguir.

Lívio e o nacionalismo romano

Outro aspecto muito valorizado por Lívio era o nacionalismo e a exaltação de Roma, e sua supremacia frente a outros povos. Embora deixasse claro o seu desencanto com o principado,¹⁷ Lívio, contudo, apoiava a política romana e o seu domínio sobre os outros povos. No prefácio, temos (§7):

¹⁵ Para discussão profunda sobre o papel dos *exempla* em Lívio recomendamos o livro de Chaplin (2000).

¹⁶ Tradução de Oliva Neto (In: MARTINS, 2009, p. 160).

¹⁷ Lívio, no prefácio de sua obra (§4) deixa entrever certo pessimismo em relação à Roma de sua época, considerando que a cidade padecia devido sua própria grandeza. De fato, o historiador não chegou a ser opositor de Augusto, mas também não era um entusiasta do novo tipo de governo (CONTE, 1999, p. 369). Tácito (*Anais*, IV, 34) contou que Augusto chegou a fazer um comentário jocoso sobre Lívio, chamando-o de pompeiano, pelo fato de o historiador ter certa nostalgia pelos ideais republicanos que foram, inclusive, refletidos em sua obra. Para maior aprofundamento sobre o pessimismo em Lívio e na historiografia latina, cf. Martin; Gaillard, 1981, p. 123 a 125.

É dada esta vênia aos antigos, para que, reunindo ações humanas às divinas, tornem mais venerável o primórdio das cidades, e se a algum povo se deve permitir consagrar suas origens e os deuses referir como fundadores, a glória do povo romano é tal que, quando apontam o poderosíssimo Marte como pai e pai de seu fundador, os povos não só aceitam isso de bom grado, como também aceitam o império.¹⁸

Lívio legitimou a soberania romana afirmando que a origem da urbe era a mais venerável e, por conseguinte, o povo era o mais glorioso. No trecho acima, percebemos que essa legitimação de supremacia se devia à glória romana e também às suas origens eminentes e divinas. O povo romano estaria “destinado” a imperar porque era o melhor, e as próprias nações subjugadas, reconhecendo esse “direito”, de bom grado aceitariam o império. Nos trechos que restaram de sua obra, bem como nas passagens que trataremos aqui, é possível identificar passagens que justificavam isso, sobretudo da forte cooperação entre a *Fortuna* (em sua essência, a divina providência)¹⁹ e a *uirtus* do povo romano.²⁰ De fato, para Lívio, nenhum povo poderia fazer frente ao romano, já que nenhum povo poderia dispor de uma força moral comparável à autoridade em que Roma fora fundada (CONTE, 1999, p. 371).²¹

Ao buscar narrar os acontecimentos – sobretudo guerras e conflitos – Lívio acentuou a superioridade romana frente aos inimigos. Evidentemente, em uma obra com forte propósito nacionalista, era isso que o público esperava encontrar nesse tipo de narrativa. Na verdade, Lívio não teve um interesse em se aprofundar na etnografia ou em explicar as características político-culturais dos demais povos; pela forte característica moralista do historiador, os inimigos de Roma representavam arquétipos de vícios a serem evitados pelos cidadãos da Urbe, como veremos adiante.

Sobre os gauleses em si, Lívio foi bastante enfático em ressaltar toda a barbárie e selvageria desse povo (e também de qualquer outra nação rival de Roma). Evidentemente, os gauleses também tinham sua ferocidade exacerbada, bem como estereótipos de comportamentos bélicos, como uma forma de abrilhantar as vitórias romanas. Assim, Lívio

¹⁸ Tradução de Oliva Neto (In: MARTINS, 2009, p. 160).

¹⁹ O termo *Fortuna* é comumente traduzido por *destino* ou *sorte*; é a *Fortuna* que explica as mudanças repentinas ocorridas nas narrativas. O papel da *Fortuna* na historiografia se deve a Políbio, com a noção do papel decisivo do acaso (*tykhé*, em grego), uma divindade que explicava tanto as improbabilidades como a própria sorte (FUNARI; GARRAFFONI, 2016, p. 34).

²⁰ O termo *uirtus* está relacionado a *uir* (homem), e como destaca Pereira (1993, p. 407), *uir* em latim significaria “ser homem” no sentido de “ser homem direito”. *Virtus*, comumente traduzida por virtude, também significava “valentia” ou “coragem”, em princípio em sentido militar e, posteriormente, designando também a virtude de caráter (PEREIRA, 1993, p. 407).

²¹ Cf. §4 do prefácio, no qual Lívio deixou claro que o único que poderia derrotar o romano era o próprio romano.

buscou sempre enfatizar o caráter inferior tanto da cultura quanto da moral dos inimigos de Roma.

Análise dos trechos selecionados

Passamos agora às passagens do livro VII. Nesse livro, a partir do capítulo 9, temos a narração dos fatos que aconteceram por volta de 361 a.C. O contexto era o de uma nova guerra entre romanos e gauleses, algumas décadas após o trauma do saque de Roma.²² Com o comando do ditador Tito Quíncio Peno, os romanos se posicionaram nas margens do rio Ânio. Como eles disputassem pelo controle da ponte com os gauleses, e com forças parecidas nem um ou outro exército conseguisse vencer, temos então o episódio do duelo entre um gaulês e um romano. Assim, temos (VII, 9):

Então um gaulês, *de notável grandeza corporal*, avançou até a ponte vazia e, com a voz *mais forte que pode*, disse: “agora, que o homem mais valoroso de que Roma dispõe avance para o combate, de modo que esse resultado entre ambos mostre qual dos dois povos é melhor na guerra”. (grifos nossos)²³

Lívio recorreu ao estereótipo do gaulês *de notável grandeza corporal* (no original latino, *eximia corporis magnitudine*), e que chamou um inimigo para o confronto individual com a voz *mais forte que pode*.²⁴ Nesse trecho vemos também o antigo costume indo-europeu de decidir uma batalha em um confronto entre dois guerreiros, tido como os melhores de suas tropas. Essa tradição, que depois foi desaparecendo entre gregos e romanos a partir do século IV a.C., ainda era praticada pelos celtas desse período.²⁵ Em sua comunidade, era aceitável que toda a questão

²² Roma foi saqueada pelos gauleses por volta do ano 390 a.C., e esse fato representou um grande revés que perdurou na mentalidade romana. Lívio narrou esse episódio marcante e seus desdobramentos posteriores no livro V, 34-48.

²³ Segue o trecho em latim: *Tum eximia corporis magnitudine in uacuum pontem Gallus processit et quantum maxima uoce potuit: “Quem nunc”, inquit, “Roma uirum fortissimum habet, procedat aegedum ad pugnam, ut noster duorum euentus ostendat utra gens bello sit melior.”*

²⁴ De acordo com Rankin (1996, p. 68), um guerreiro gaulês, com toda sua estatura e fúria, deveria ser aterrorizante. Em vários autores antigos eles foram descritos fisicamente como altos e loiros, com vozes profundas e guturais, além de terem um comportamento ameaçador e dramático. Encontramos esses elementos em Políbio (*Histórias*, II, 15, 7), em Diodoro Sículo (*Biblioteca*, V, 28, 1), em César (*De Bello Gallico*, especialmente no trecho etnográfico do livro VI, 11-24), em Cícero (*Pro Fonteio*, §21 e 33), e também em Estrabão (*Geografia*, IV, 4, 2). Sherwin-White (1967, p. 58) pontua que, após os contatos que os romanos tiveram com germanos e bretões no século I a.C., esse estereótipo da enorme altura gaulesa foi transferido para eles. Um exemplo disso pode ser encontrado em César, que disse que a antiga virtude dos gauleses passou aos germanos (cf. *De Bello Gallico*, VI, 24).

²⁵ O termo *celta* era um atributo étnico, usado primeiramente pelos gregos para se referir aos povos que viviam ao norte da colônia de Marselha. Possivelmente tem ligação com a raiz *kel*, tendo o obscuro significado de exaltado ou combativo. O termo *gaulês*, por sua vez, já era usado pelos romanos para se referir ao povo que veio do norte e saqueou a cidade no começo do século IV a.C. e, posteriormente, para se referir a todos os povos que possuíam

da vitória (ou derrota) de um exército poderia ser decidida nesses torneios (RANKIN, 1996, p. 63 e 64). Eles, inclusive, adotavam esse costume em conflitos contra povos não célticos, como vimos acima, em que o gaulês chamou um romano para o combate.²⁶ Em seguida, temos a narrativa do duelo (VII, 10):²⁷

Durante muito tempo houve um silêncio entre os nobres jovens romanos, já que por um lado, eles receavam recusar o combate e, por outro, não queriam se dirigir primeiro para essa sorte de perigo. Então *Tito Mânlio*, filho de Lúcio, que tinha livrado o pai da perseguição do tribuno, *avançou do seu lugar até o ditador e disse: “sem a tua ordem, general, eu nunca lutaria fora da linha de batalha, nem mesmo se visse que a vitória era certa; se tu permitires, quero eu mesmo mostrar àquele animal, visto que ele saltita feroz diante dos estandartes dos inimigos, que sou oriundo daquela família que derrubou uma multidão de gauleses da rocha Tarpeia”*.²⁸ O ditador assim respondeu: “*Tens a honrada virtude, Tito Mânlio, e a piedade para com o pai e a*

linguagem e cultura célticas (RANKIN, 1996, p. 1-2). Cf. também o *De Bello Gallico* (I, 1) para a forma como César nomeou os povos da antiga Gália. Neste trabalho, nos referiremos a gauleses indistintamente como celtas ou galos.

²⁶ Esses torneios marcavam o valoroso ritual dos celtas, cuja maior motivação era a honra guerreira. Diodoro Sículo (V, 29, 2-3) escreveu sobre esse costume de um celta chamar um rival para uma disputa individual, brandindo suas armas e fazendo bastante barulho para inspirar medo no adversário. Também de acordo com Rankin (1996, p. 67), os gregos e os romanos viam no celta a sobrevivência do antigo código de vida heroico. Nas estátuas do gaulês moribundo, estava expressa a rígida determinação de um guerreiro que escolhia a morte por sua própria mão, a viver uma vida em desonra (RANKIN, 1996, p. 67). Se para os gauleses era mais importante ter uma morte gloriosa do que uma sobrevivência humilhada, para os romanos a circunstância era diferente. Hope (apud BROWN, 2014, p. 393) lembra que nas campanhas militares romanas o ideal era combater, vencer e sobreviver; a ênfase estava toda na vitória, e não nas vítimas que tombaram para criar esse sucesso.

²⁷ *Diu inter primores iuuenum Romanorum silentium fuit, cum et abnuere certamen uerentur et praecipuam sortem periculi petere nollent. Tum T. Manlius L. filius, qui patrem a uexatione tribunicia uindicauerat, ex statione ad dictatorem pergit: “Iniussu tuo inquit, imperator, extra ordinem nunquam pugnauerim, non si certam uictoriam uideam: si tu permittis, uolo ego illi beluae ostendere, quando adeo ferox praesultat hostium signis, me ex ea familia ortum quae Gallorum agmen ex rupe Tarpeia deiecit.” Tum dictator: “Macte uirtute, inquit, ac pietate in patrem patriamque, T. Manli, esto. Perge et nomen Romanum inuictum iuuantibus dis praesta.” Armant inde iuuenem aequales: pedestre scutum capit, hispano cingitur gladio ad propiorem habili pugnam. Armatum adornatumque aduersus Gallum stolide laetum et – quoniam id quoque memoria dignum antiquis uisum est – linguam etiam ab inrisu exserentem producent. Recipiunt inde se ad stationem; et duo in medio armati spectaculi magis more quam lege belli destituuntur, nequaquam uisu ac specie aestimantibus pares. Corpus alteri magnitudine eximium, uersicolori ueste pictisque et auro caelatis refulgens armis; media in altero militaris statura modicaque in armis habilibus magis quam decoris species; non cantus, non exultatio armorumque agitatio uana, sed pectus animorum iraeque tacitae plenum: omnem ferociam in discrimen ipsum certaminis distulerat. Vbi constitere inter duas acies tot circa mortalium animis spe metuque pendentibus, Gallus uelut moles superne imminens proiecto laeua scuto in aduenientis arma hostis uanum caesim cum ingenti sonitu ensem deiecit; Romanus mucrone subrecto, cum scuto scutum imum perculisset totoque corpore interior periculo uolneris factus insinuasset se inter corpus armaque, uno alteroque subinde ictu uentrem atque inguina hausit et in spatium ingens ruentem porrexit hostem. Iacentis inde corpus ab omni alia uexatione intactum uno torque spoliauit, quem respersum cruore collo circumdedit suo. Defixerat pauor cum admiratione Gallos; Romani, alacres ab statione obuiam militi suo progressi, gratulantes laudantesque ad dictatorem perducunt. Inter carminum prope modo incondita quaedam militariter ioculantes, Torquati cognomen auditum; celebratum deinde posteris etiam [familiae] honori fuit. Dictator coronam auream addidit donum mirisque pro contione eam pugnam laudibus tulit.*

²⁸ Oakley (1998, p. 132) sublinha que era algo comum a todas as sociedades antigas os filhos desejarem emular as conquistas de seus ancestrais; em Roma, isso era bastante comum em famílias aristocráticas, que herdavam prestígio ao longo de gerações (fato citado ao final desse capítulo, em que os descendentes de Mânlio herdaram o nome Torquato). Os romanos, assim motivados, buscavam alcançar façanhas similares às dos seus ascendentes. Assim Tito Mânlio demonstra sua vontade de lutar com o gaulês como forma de rivalizar o feito do seu pai que, derrubando os gauleses da rocha Tarpeia, ficou conhecido como Tito Mânlio Capitolino (*Ab Vrbe cond.*, VI, 17).

pátria. Avança tu e, com o auxílio dos deuses, defende o invencível nome romano".²⁹ Em seguida os companheiros armaram o jovem: ele tomou o escudo de um soldado e cingiu-se com uma espada hispana, conveniente para a luta corpo a corpo.³⁰ Eles o conduziram, armado e equipado, até o *gaulês insensatamente feliz e – porque aos antigos parecesse esse ser um fato digno de nota – que mostrava a língua em escárnio*. Os jovens, então, se retiraram para sua posição. No centro *os dois, armados, foram deixados, mais à maneira de espetáculo do que de guerra*. De forma alguma eram parecidos, considerando-se seu aspecto e tipo. *O corpo de um deles era notável pelo tamanho, resplandecente em uma veste multicolorida de vários tons, e com armas ornadas de ouro. O outro tinha a estatura mediana e modesta de um soldado, e armas mais úteis do que ornamentais; ele não produziu nenhum canto, nenhuma exultação ou agitação inútil das armas, mas o seu peito estava cheio de coragem e ira silenciosa, e guardava toda sua ferocidade para o momento da própria luta*. Quando eles se postaram entre as duas linhas de batalha, todos os que estavam à sua volta ficaram com os ânimos suspensos pela esperança e pelo medo. O gaulês, que por cima se aproximava devido ao seu grande tamanho, lançou o escudo contra as armas adversas do inimigo que se aproximava, e projetou a espada com grande ruído, mas esse golpe foi inútil. *O romano, com a ponta da espada erguida, com seu próprio escudo bateu no escudo inimigo pela parte inferior e, comprimindo-se todo entre o corpo e as armas do inimigo, aproximou-se ainda mais do perigo do ataque; com um golpe e depois outro ele feriu-lhe o ventre e a virilha, e jogou o adversário, derrubado, em um espaço enorme*. Então do corpo abatido, intocado por nenhuma outra indignidade, *ele tirou somente o colar que, manchado de sangue, colocou em volta do seu próprio pescoço. O pavor, junto com a admiração, paralisou os gauleses; os romanos, entusiasmados, avançaram de sua posição até o seu soldado e, louvando-o e agradecendo-o, conduziram-no até o ditador*. Entre o canto militar e os gracejos desordenados que eles diziam, *ouvia-se o nome Torquato, que depois foi celebrado pelos seus descendentes e tornou-se ainda a honorífica alcunha da família*. O ditador acrescentou uma coroa de ouro ao prêmio e, com admiráveis elogios, narrou essa luta em um discurso.³¹

No capítulo 9 o gaulês por conta própria decidira avançar e propor uma luta individual. Tito Mânlio, antes de aceitar esse desafio, primeiro pediu a autorização ao ditador, dizendo: *sem a tua ordem, general, eu nunca lutaria fora da linha de batalha, nem mesmo se visse que a vitória era certa*.³² Podemos perceber a assimetria entre a *uirtus* bárbara e a disciplina contida do romano; de fato a visão romana considerava que a *uirtus* era alcançada coletivamente, e não individualmente (RIGGSBY, 2006, p. 90 e 91). Os pronomes *tu* e *ego*, na fala de Mânlio,

²⁹ Gilmartin (1975, apud PHILLIPS, 1982, p. 1045) sugere que essa segunda pessoa do singular usada por Lívio geralmente aparecia em contextos que estimulavam seus leitores a terem uma reação (seja de admiração ou vergonha), dando mais ênfase no impacto que os exemplos criariam em seu público, do que em fazer uma simples descrição dos acontecimentos.

³⁰ Na época em que esse confronto aconteceu (361 a.C.) os romanos ainda não tinham conquistado a Hispânia; trata-se, então, de um anacronismo de Lívio. A espada (*gladius*) de Mânlio, mais curta que a do gaulês (*ensis*), era ideal para confrontos muito próximos. Era bastante comum em Lívio esse fato do gaulês ser prejudicado em um duelo por causa de uma espada muito longa. Para discussão mais detalhada sobre as formas de combate com espada curta e longa, cf. Oakley (1998, p. 134-136).

³¹ A coroa de ouro era um prêmio recorrente durante a República. De acordo com Oakley (1998, p. 148), no período final da República passou a ser comum conceder coroas específicas, como a *corona ciuica*, *muralis*, etc. Augusto (*Res Gestae*, XXXIV, p. 150) mencionou que ganhou uma coroa cívica e um escudo de ouro.

³² Oakley (1998, p.131) destaca que nenhum soldado romano podia sair do seu posto por nenhum motivo, a não ser por ordem do seu comandante.

chamam atenção para a forma com a qual ele subordina seu próprio desejo de glória à autoridade do seu general (OAKLEY, 1998, p. 131).

Lívio igualmente sublinhou o primitivismo do gaulês através das palavras de Mânlio, que a ele se referiu como sendo um animal, *visto que ele saltita feroz diante dos estandartes dos inimigos* (em latim, *illi beluae ostendere, quando adeo ferox praesultat hostium signis*). Em contraste a essa característica selvagem do celta, temos a oposição representada pela civilidade romana; de fato o ditador, em resposta, diz que Mânlio tem *a honrada virtude e a piedade para com o pai e a pátria* (*macte uirtute ac pietate in patrem patriamque esto*) e que, com o auxílio dos deuses, o herói haveria de defender o *invencível nome romano* (*nomen Romanum inuictum iuuantibus dis praesta*).³³

Em seguida, Lívio segue com a descrição clichê do gaulês *insensatamente feliz e que mostrava a língua em escárnio*. O comportamento do gaulês contra Tito Mânlio foi insensato já que o oponente de Mânlio, antes de lutar, demonstrava um comportamento temerário de quem já tinha vencido a luta.³⁴ A seguir os combatentes, armados, foram deixados no centro, *mais à maneira de espetáculo do que de guerra*. Como Riggsby (2006, p. 90 e 91) lembra, para os romanos o valor de um cidadão dependia do julgamento da comunidade, mais do que de padrões absolutos, pois era marcante essa noção de coletividade; por conseguinte, isso encorajava a visão de que a atividade romana se desenrolava como se fosse em um palco, com a audiência desempenhando o papel de juíza. Isso é um padrão constante no *Ab Vrbe condita*, em que batalhas e duelos comumente são descritos como espetáculos de forma a deixar a narrativa mais vívida.

Dando continuidade à descrição estereotipada do celta, temos que o gaulês era *notável pelo tamanho, resplandecente em uma veste multicolorida com armas ornadas de ouro*.³⁵ Essas descrições dos galos se encaixam na figura da hipérbole; de fato, as características físicas (e até comportamentais) dos galos são bastante exageradas a fim de enfatizar esse caráter bárbaro e que inspirava terror nos outros. Por isso eles eram comumente descritos como possuidores de

³³ A *pietas*, um dos valores romanos, consistia em um sentimento de devoção e lealdade para com a família e, em sentido mais amplo, para com o Estado (PEREIRA, 1993, p. 320 e ss.). Aqui o romano, imbuído da *uirtus* e da *pietas*, contava com o auxílio da divina providência (a boa fortuna) e, por isso, defenderia o nome romano, sinônimo de honra e dignidade.

³⁴ Em Diodoro (V, 29, 2 e 3) o apareceu o caráter fanfarrão dos gauleses, bem como o hábito de um deles se adiantar para propor um confronto individual com o inimigo.

³⁵ Diodoro (V, 29, 3) falou do costume dos gauleses, tanto homens quanto mulheres, usarem vários adereços em ouro. Diodoro Sículo (V, 30, 1) também abordou o hábito dos guerreiros gauleses usarem vestes multicoloridas.

corpos imensos, de grande estatura, etc. Era recorrente a representação de os gauleses lutarem usando ornamentos de ouro e vestes coloridas e chamativas.³⁶

O romano, pelo contrário, *tinha a estatura mediana e modesta de um soldado, e armas mais úteis do que ornamentais*. Em oposição à postura teatral do gaulês que saltitava e mostrava a língua, Mânlio *não produziu nenhum canto, nenhuma exultação ou agitação inútil das armas (non cantus, non exultatio armorumque agitatio uana)*. Na verdade, o romano, embora impassível, tinha o peito *cheio de coragem e ira silenciosa, e guardava toda sua ferocidade para o momento da própria luta (sed pectus animorum iraeque tacitae plenum omnem ferociam in discrimen ipsum certaminis distulerat)*. Mais do que ficar desempenhando o papel do guerreiro típico, Mânlio se preocupou em guardar sua energia feroz para o combate em si.

Podemos pensar que, embora Lívio tenha usado os termos *ira* e *ferocia* – comumente empregados na historiografia latina para a descrição das nações consideradas bárbaras – para referir-se a um romano, contudo Mânlio possuía a disciplina, a *uirtus* e a *pietas*; assim, a ira e a ferocidade, devidamente controladas, serviram como importantes ferramentas para sua vitória.³⁷ Mânlio, aproveitando-se do fato de ser menor que o gaulês, comprimiu-se *todo entre o corpo e as armas do inimigo* e, com apenas dois golpes, *feriu-lhe o ventre e a virilha* e venceu. De todos os ricos ornamentos, Mânlio tomou como butim *somente o colar que, manchado de sangue, colocou em volta do seu próprio pescoço (uno torque spoliauit, quem respersum cruore collo circumdedit suo)*. Mais uma vez temos a imagem dos gauleses paralisados, por causa do pavor e da admiração (*defixerat pauor cum admiratione Gallos*).³⁸ Por ter se apoderado do colar (*torquis*), Mânlio passou a ser reconhecido pelo nome *Torquato*.

Também no livro VII, destacamos a seguinte passagem que se passa em 348 a.C., na qual o impasse da guerra é decidido em um novo duelo entre um gaulês e um romano (VII, 26):³⁹

³⁶ Estrabão (IV, 4, 5) falou não só do fato de os gauleses gostarem de andar cobertos de ouro, mas ainda sobre seu caráter fanfarrão.

³⁷ Por conseguinte, nota-se mais uma vez essa oposição entre o romano astuto e o gaulês que possuía essa ira inata e incontrolável.

³⁸ Cf. *Ab Vrbe cond.*, V, 39 em que os gauleses, ao vencerem os romanos em Ália, ficaram imóveis de espanto.

³⁹ *Vbi cum stationibus quieti tempus tererent, Gallus processit magnitudine atque armis insignis; quatiensque scutum hasta cum silentium fecisset, prouocat per interpretem unum ex Romanis qui secum ferro decernat. M. erat Valerius tribunus militum adulescens, qui haud indigniorem eo decore se quam T. Manlium ratus, prius sciscitatus consulis uoluntatem, in medium armatus processit. Minus insigne certamen humanum numine interposito deorum factum. Namque conserenti iam manum Romano coruus repente in galea consedit, in hostem uersus. Quod primo ut augurium caelo missum laetus accepit tribunus, precatus deinde, 'si diuus, si diua esset, qui sibi praepetem misisset, uolens propitius adesset'. Dictu mirabile, tenuit non solum ales captam semel sedem, sed, quotienscumque certamen ininitum est, leuans se alis os oculosque hostis rostro et unguibus appetit, donec territum prodigii talis uisu oculisque simul ac mente turbatum Valerius obruncat; coruus ex conspectu elatus orientem petit. Hactenus quietae utrimque stationes fuere; postquam spoliare corpus caesi hostis tribunus coepit, nec Galli*

Como os romanos estivessem quietos e passassem o tempo em guarda, um *gaulês avançou, com tamanho e armas notáveis*; ele fez silêncio, batendo no escudo com a lança e, por meio de um intérprete, chamou um dos romanos, para que lutasse consigo através do ferro. Havia um jovem tribuno militar, Marco Valério, que não se considerava menos digno daquela honra do que Tito Mânlio. *Ele, tendo antes se informado da vontade do cônsul, avançou, armado, até o centro. Menos ilustre se mostrou o combate humano, já que interferiram os poderes dos deuses.* De fato, enquanto o romano se dirigia para a luta, um corvo de repente pousou no seu capacete, virado para o inimigo. Feliz, primeiramente o tribuno aceitou isso como um presságio vindo do céu, e depois suplicou: “caso fosse um deus, ou deusa, que a ele enviou o pássaro, que o voo propício lhe favorecesse”. Ocorreu algo maravilhoso de se contar: *a ave não se contentou apenas em ficar no lugar mas, todas as vezes que a luta começava, com as asas ela levantou-se, e atacou o rosto e os olhos do inimigo com o bico e as garras.* Por fim o gaulês, aterrorizado pela visão de tamanho prodígio e ao mesmo tempo ferido nos olhos e na mente, foi morto por Valério; o nobre corvo, saindo de vista, dirigiu-se para o oriente. Até então as tropas dos dois lados estiveram paradas. *Assim que o tribuno começou a despojar o corpo do inimigo morto, os gauleses não se mantiveram mais em posição, e a corrida dos romanos até o vencedor foi ainda mais rápida.* Ali, travando um acirrado combate ao redor do corpo do gaulês derrubado, *houve uma luta atroz.* A batalha já não era mais travada pelos manípulos nas posições próximas, mas sim pelas legiões dispersas pelos dois lados. Camilo ordenou ir para o combate os soldados, que estavam felizes tanto com a vitória do tribuno quanto pela presença dos deuses favoráveis; mostrando-lhes o tribuno reluzente com os despojos, disse-lhes: “*imitai-o, soldados e, ao redor do líder derrubado, derrotai as multidões dos gauleses*”. Deuses e homens tomaram parte nessa luta e *de forma alguma foi duvidoso o combate contra os gauleses*: uma e outra parte já compreendera nos ânimos o resultado do combate que fora travado pelos dois soldados. Entre os que avançaram primeiro, e cuja luta inflamara os outros, o embate foi atroz; *o resto da multidão, antes que pudesse lançar os dardos, virou as costas.* Primeiro, eles se dispersaram pela área dos volscos e pelo território de falerno; de lá se dirigiram para a Apúlia e o mar inferior. (...) ⁴⁰ (grifos nossos)

Esse capítulo guarda muitas semelhanças com a narrativa da vitória de Tito Mânlio: mais uma vez um enorme gaulês toma a frente e chama um romano para um duelo. Valério se oferece para lutar, *tendo antes se informado da vontade do cônsul.* Mesmo com alguns anos de intervalo entre Mânlio e Valério (de 361 a.C. a 348 a.C.), a disciplina romana continua exatamente a mesma. ⁴¹ Uma diferença que temos é o fato de, ao contrário do que ocorrera com Mânlio, nesse confronto *interferiram os poderes dos deuses.* Fica evidente o papel da divina providência atuando em favor dos romanos, e o caráter divino de sua superioridade. Um corvo,

se statione tenuerunt et Romanorum cursus ad uictorem etiam ocior fuit. Ibi circa iacentis Galli corpus contracto certamine, pugna atrox concitatur. Iam non manipulis proximarum stationum, sed legionibus utrimque effusis res geritur. Camillus laetum militem uictoria tribuni, laetum tam praesentibus ac secundis dis, ire in proelium iubet; ostentansque insignem spoliis tribunum, “Hunc imitare, miles, aiebat, et circa iacentem duces sterneret Gallorum cateruas.” Di hominesque illi adfuere pugnae depugnatumque haudquaquam certamine ambiguo cum Gallis est: adeo duorum militum euentum, inter quos pugnatum erat, utraque acies animis praeceperat. Inter primos, quorum concursus alios exciuerat, atrox proelium fuit; alia multitudo, priusquam ad coniectum teli ueniret, terga uertit. Primo per Volscos Falernumque agrum dissipati sunt; inde Apuliam ac mare inferum petierunt. (...)

⁴⁰ Encerramos a tradução desse capítulo aqui; após esse trecho, Lívio muda de assunto e passa a narrar o conflito entre romanos e gregos na Sicília.

⁴¹ Nenhum soldado romano se prontificava a lutar sem antes ter a autorização expressa de seu general.

que pousara no capacete de Valério, *atacou o rosto e os olhos do inimigo com o bico e as garras*. Rankin (1996, p. 109) destaca que para os romanos o corvo era uma ave sagrada; para os gauleses ele era uma representação comum da deusa celta da guerra. Ao dizer que o corvo ajudou um guerreiro romano, Lívio destacou ainda mais a vitória desse contra o gaulês, já que, esse que seria um presságio favorável ao gaulês, no fim das contas mostrou-se auspicioso para Valério.

Outro acontecimento que difere do duelo de Mânlio foi o fato de que assim que Valério *começou a despojar o corpo do inimigo morto, os gauleses não se mantiveram mais em posição*. Antes, ao verem a vitória de Mânlio, os gauleses ficaram paralisados por medo e admiração, mas se resignaram com o resultado. Já nesse capítulo, os gauleses não só não ficaram estáticos, mas também partiram para cima dos romanos, e *houve uma luta atroz*. Temos nas palavras de Camilo, então, um exemplo de comportamento valoroso na guerra, uma vez que ele pede aos soldados que imitem a atitude de Valério frente ao inimigo.⁴² Mesmo com essa acirrada batalha, Lívio, ao dizer que *de forma alguma foi duvidoso o combate contra os gauleses* salientou que os romanos venceriam de qualquer jeito, pois eles contavam com o auxílio dos deuses. A primeira imagem que destacamos é a do gaulês retratado como covarde e que facilmente fugia quando percebia que estava em desvantagem. Lívio escreveu algo parecido, no capítulo da descrição da luta entre Valério e um gaulês. Após o confronto individual, romanos e galos se enfrentaram; mesmo com um ímpeto inicial de ataque, os galos rapidamente desistiram do combate. Assim, ao final do excerto acima, temos: *entre os que avançaram primeiro, e cuja luta inflamara os outros, o embate foi atroz; o resto da multidão, antes que pudesse lançar os dardos, virou as costas*.

Por fim, chegamos ao último trecho de Lívio a ser tratado neste trabalho. No livro XXXVIII, temos o contexto da batalha dos romanos contra os gálatas (ou galo-gregos) no Monte Olimpo, em 189 a.C. Antes da luta, Mânlio faz um significativo discurso para as tropas (XXXVIII, 17):⁴³

⁴² Valério imitou o exemplo de Mânlio ao confrontar um gaulês; por sua vez Lívio exorta seu público-alvo a imitar Valério.

⁴³ *Cum hoc hoste tam terribili omnibus regionis eius quia bellum gerendum erat, pro contione milites in hunc maxime modum adlocutus est consul: "non me praeterit, milites, omnium quae Asiam colunt gentium Gallos fama belli praestare. Inter mitissimum genus hominum ferox natio peruagata bello prope orbem terrarum sedem cepit. Procera corpora, promissae et rutilatae comae, uasta scuta, praelongi gladii, ad hoc cantus inchoantium proelium et ululatus et tripudia, et quotientium scuta in patrium quemdam modum horrendus armorum crepitus, omnia de industria composita ad terrorem. Sed haec, quibus insolita atque insueta sunt, Graeci et Phryges et Cares timeant; Romanis Gallici tumultus adsueti, etiam uanitates notae sunt. Semel, primo congressu, ad Alliam olim fuderunt maiores nostros. Ex eo tempore, per ducentos iam annos, pecorum in modum consternatos caedunt fugantque, et plures prope de Gallis triumphum quam de toto orbe terrarum acti sunt. Iam usu hoc cognitum est: si primum impetum, quem feruido ingenio et caeca ira effundunt, sustinueris, fluunt sudore et lassitudine membra, labant*

Como eles devessem empreender a guerra contra esse inimigo, que era o mais terrível de todos dessa região, o cônsul reuniu os combatentes e proferiu o seguinte discurso: “não me escapa, soldados, que *de todos os povos que habitam a Ásia, os gauleses são superiores pela sua fama na guerra. Essa feroz nação, depois que percorreu quase todos os lugares fazendo guerra, por fim tomou lugar entre esse povo muito pacífico. Eles possuem corpos enormes, cabelos longos e ruivos, grandes escudos e espadas muito longas. Junto a isso também o canto, os gritos e as danças dos que começam um combate, e o horrendo barulho que fazem ao bater as armas nos escudos, de acordo com o seu costume, é deliberadamente preparado para causar terror. Os gregos, os frígios e o cários, como não estão acostumados a essas coisas estranhas e incomuns, sentem medo.* Por outro lado nós, romanos, estamos familiarizados com esses tumultos gálicos e também já conhecemos as inconstâncias deles. Apenas uma vez, no primeiro encontro, os nossos antepassados fugiram para Ália.⁴⁴ Desde então, e já ao longo de duzentos anos, eles são mortos ou fogem, atemorizados, como se fossem gado.⁴⁵ Celebramos vários triunfos muito mais sobre os gauleses do que sobre o resto do mundo. Já aprendemos esse costume: *se resistirmos ao primeiro ataque que eles lançam com violento ânimo e cega ira, logo os braços deles se enfraquecem e as armas caem, devido ao suor e à fadiga.* No momento em que a ira deles se acalma, por causa do sol, da poeira e da sede, eles derrubam seus corpos moles e ânimos; por isso, não precisamos mover o ferro. *Não somos experientes apenas nos combates entre nossos exércitos contra os exércitos deles, mas também em luta de um só homem contra outro.* De fato, Tito Mânlio e Marco Valério mostraram o quanto a virtude romana se sobressaía à fúria gaulesa, e outrora Marco Mânlio, sozinho, derrubou os gauleses que em coluna escalavam o Capitólio.⁴⁶ *Nessa época os nossos ancestrais tiveram contato com gauleses de verdade, nascidos em sua terra; esses de agora estão degenerados, miscigenados, e por isso são chamados de galo-gregos.* No caso dos grãos ou dos animais, as sementes não podem conservar sua índole quando muda a propriedade da terra e do céu sob o qual se desenvolvem. Do mesmo modo os macedônios, que antes possuíram Alexandria no Egito, Selêucia, Babilônia, e outras colônias espalhadas por todo o mundo, se degeneraram em sírios, partos e egípcios. Marselha, situada entre os gauleses, tomou muitos dos traços dos vizinhos. Quanto

arma; mollia corpora, molles, ubi ira consedit, animos, sol pulvis sitis, ut ferrum non admoueat, prosternunt. Non legionibus legiones eorum solum experti sumus, sed uir unus cum uiro congregiando: T. Manlius M. Valerius quantum Gallicam rabiem uinceret Romana uirtus docuerunt; iam M. Manlius unus agmine scandentes in Capitolium Gallos detrusit. Et illis maioribus nostris cum haud dubiis Gallis, in sua terra genitis, res erat; hi iam degeneres sunt, mixti, et Gallograeci uere, quod appellantur; sicut in frugibus pecudibusque non tantum semina ad seruandam indolem ualent quantum terrae proprietates caelique sub quo aluntur mutat: Macedones, qui Alexandriam in Aegypto, qui Seleuciam ac Babyloniam, quique alias sparsas per orbem terrarum colonias habent, in Syros Parthos Aegyptios degenerarunt; Massilia, inter Gallos sita, traxit aliquantum ab accolis animorum; Tarentinis quid ex Spartana dura illa et horrida disciplina mansit? Generosius in sua quidquid sede gignitur; insitum alienae terrae, in id quo alitur, natura uertente se, degenerat. Phrygas igitur Gallicis oneratos armis, sicut in acie Antiochi cecidistis, uictos uictores caeditis. Magis uereor ne parum inde gloriae quam ne nimium belli sit. Attalus eos rex saepe fudit fugauitque. Nolite existimare beluas tantum, recens captas, feritatem illam siluestrem primo seruare, dein, cum diu manibus humanis alantur, mitescere, in hominum feritate mulcenda non eandem naturam esse; eosdemne hos creditis esse qui patres eorum auique fuerunt? Extorres inopia agrorum, profecti domo per asperrimam Illyrici oram, Paeoniam inde et Thraeciam pugnando cum ferocissimis gentibus emensi, has terras ceperunt. Duratos eos tot malis exasperatosque accepit terra quae copia rerum omnium saginaret. Vberimo agro, mitissimo caelo, clementibus accollarum ingeniis, omnis illa cum qua uenerant mansuefacta est feritas. Vobis mehercule, Martiis uiris, cauenda ac fugienda quam primum amoenitas est Asiae: tantum hae peregrinae uoluptates ad extinguendum uigorem animorum possunt, quantum contagio disciplinae morisque accollarum ualet. Hoc tamen feliciter euenit quod, sicut uim aduersus uos nequaquam, ita famam apud Graecos parem illi antiquae obtinent cum qua uenerunt, bellique gloriam uictores eandem inter socios habebitis quam si seruantes antiquum speciem animorum Gallos uicissetis.”

⁴⁴ Para esse episódio, cf. *Ab Vrbe cond.*, V, 38.

⁴⁵ Aqui Lívio novamente se referiu aos gauleses como “gado”; cf. *Ab Vrbe cond.*, V, 48, em que Lívio escreveu que os gauleses morriam como gado.

⁴⁶ Esse episódio em que Marco Mânlio derrubou os gauleses do Capitólio se encontra em *Ab Vrbe cond.*, V, 47.

aos tarentinos, o que restou daquela dura e temível disciplina espartana? Tudo o que é produzido em seu lugar de origem é mais digno; quando introduzido em outra terra da qual se nutre, ele transforma sua natureza e se degenera. Portanto, assim como vós matastes na fileira de Antíoco, agora matareis os frígios que portam armas gaulesas, vós vencedores, e eles, os vencidos. Receio mais que disso resulte uma glória escassa do que bastante luta. O rei Átalo muitas vezes derrotou e os afugentou. Não acreditais que apenas as feras, quando capturadas, primeiro mantêm aquela sua ferocidade selvagem e, em seguida, domesticam-se, quando por muito tempo são alimentadas por mãos humanas. O mesmo ocorre com a natureza dos homens quando sua ferocidade se acalma; ou acreditais esses serem iguais aos que foram seus pais e antepassados? Eles deixaram a pátria por causa da falta de terras, avançaram pela duríssima região da Ilíria, depois percorreram a Peônia e a Trácia e, tendo lutado contra povos ferocíssimos, tomaram essas paragens. Essa terra, que produz uma fartura de todas as coisas, acolheu esses homens endurecidos e exasperados por tantos males. Em um campo tão fértil, com céu muito ameno, e com vizinhos pacíficos, toda aquela rudeza que tinham quando chegaram se abrandou. Por Hércules! Vós, homens de Marte,⁴⁷ deveis o quanto antes evitar e fugir da amenidade da Ásia. Esses prazeres estrangeiros tanto podem extinguir o vigor dos ânimos, quanto o mesmo pode ocorrer através do contato com os hábitos e costumes dos vizinhos. Felizmente acontece que, embora os gauleses de forma alguma sejam fortes perante vós, todavia entre os gregos eles ainda possuem aquela mesma fama com a qual chegaram outrora. Vós, vencedores, tereis entre os aliados a mesma glória da guerra, como se tivésseis vencido os gauleses dotados de sua antiga disposição de ânimos”. (grifos nossos)

Sobre a migração gaulesa para a Ásia Menor, sem dúvida Lívio usou Políbio como fonte (BRISCOE, 2008, p. 71). Todavia, esse discurso de Mânlio sem dúvida foi uma criação própria de Lívio, já que Políbio não fez menção a essa fala (LUCÉ, 1977, p. 90).

Na historiografia antiga, as passagens com discursos eram uma importante ferramenta que servia como meio de expressão para descrever o estado da mente dos personagens ou povos retratados. Em Lívio esses discursos, fundamentalmente trabalhados na arte retórica, iam além no seu propósito. Na verdade, muito além de delinear os pensamentos dos indivíduos para a audiência que se encontrava *dentro da narrativa*, o foco principal de Lívio era endereçar esses discursos aos romanos *de fora da narrativa*, já que o historiador, acima de tudo, buscava transmitir ao seu público-alvo *exempla* de virtudes e comportamentos a serem imitados (ou evitados).

Lívio geralmente preferia usar o discurso direto ao indireto, de modo a não interromper a expressão dos pensamentos e sentimentos da pessoa envolvida. Seguindo seu preceito de que a história servia mais para comover do que para ser um relato pragmático dos acontecimentos, Lívio então buscou dar mais ênfase ao caráter dramático dos discursos do que utilizá-los como um meio de explicar uma situação ou contexto histórico.

⁴⁷ Os romanos ligavam sua origem mítica a Marte, pois consideravam que o deus da guerra era o pai dos gêmeos Rômulo e Remo. Lívio usou essa designação para acentuar ainda mais o caráter belicoso das legiões.

Mânlio, no capítulo acima, começou seu discurso dizendo que os gauleses, *de todos os povos que habitam a Ásia*, eram *superiores pela sua fama na guerra*, e os chamou de *feroz nação (ferox natio)*.⁴⁸ Notamos certa depreciação nesse “elogio” à fama bélica dos gauleses entre os povos da Ásia, já que eles tomaram lugar entre *esse povo muito pacífico (intermitissimum genus hominum)*. Ora, entre populações bastante pacatas qualquer fama guerreira, por menor que fosse, se sobressairia. Em seguida temos uma lista de vários *tópoi* da representação dos galos: *eles possuem corpos enormes (procera corpora)*, *cabelos longos e ruivos (promissae et rutilatae comae)*, *grandes escudos (uasta scuta)* e *espadas muito longas (praelongi gladii)*. Depois Lívio descreveu o modo de agir deles antes de um confronto, como podemos ler no trecho acima destacado: *junto a isso também o canto, os gritos e as danças dos que começam um combate, e o horrendo barulho que fazem ao bater as armas nos escudos, de acordo com o seu costume, é deliberadamente preparado para causar terror*.⁴⁹

De fato, esse povo demonstrava na narrativa um comportamento cênico na forma de agir para causar ainda mais terror nos inimigos.⁵⁰ Acima encontramos também um exemplo de acumulação: além de sua imponente forma física, os gauleses também causavam pânico pelo seu modo de agir, cantando, gritando e fazendo barulho com as armas. Segundo Riggsby (2006, p. 48), os relatos antigos costumavam focar bastante no que parecia pitoresco ou exótico, pois isso tinha um grande apelo em uma audiência greco-romana, e aqui isso não seria diferente.

Continuando a narrativa, Lívio, através de Mânlio, disse que os gregos, frígios e cários sentiam medo com esse espetáculo exótico. Os romanos, como já travaram contato com os gauleses muito antes dessa migração para a Ásia Menor, já estavam familiarizados não só com esse costume, mas também com a inconstância deles (*Romanis Gallici tumultus adsueti, etiam uanitates notae sunt*). Ainda achamos outro exemplo dessa inconstância dos gauleses também citada por Mânlio nesse mesmo discurso; ele disse que os romanos já estavam “familiarizados com esses tumultos gálicos” e que também conheciam “as inconstâncias (*uanitates*) deles”. Lívio adotou bastante essa imagem do gaulês desordeiro e barulhento ao longo do *Ab Vrbe condita*.

⁴⁸ A *ferocitas* era o traço essencial do bárbaro (DAUGE, 1981, p. 19 e 20).

⁴⁹ Lívio fez uma descrição dos gauleses bem parecida à de Diodoro Sículo (V, 29-30).

⁵⁰ Cf. *Ab Vrbe cond.*, V, 37, uma cena descrita com um vocabulário similar: “Já todos os locais em frente e ao redor estavam repletos de inimigos e esse povo, dado a tumultos vãos, com canto feroz e vários gritos preenchiem tudo com horrendo clamor” (*iam omnia contra circaque hostium plena erant et nata in uanos tumultus gens truci cantu clamoribusque uariis horrendo cuncta compleuerant sono*). Diodoro Sículo também falou sobre esse tumulto causado pelos gauleses (V, 30, 3).

Lívio escreveu que os romanos se apavoraram apenas uma vez, no desastre junto ao Ália, apenas porque era a primeira vez que eles se encontraram frente a frente com os gauleses. Depois disso, e *já ao longo de duzentos anos, eles são mortos ou fogem*, e os romanos triunfaram mais sobre os galos do que qualquer outro povo. Evidentemente, em um discurso para encorajar as tropas, a terrível derrota de Postúmio e as legiões emboscadas na floresta Litana foram esquecidas.

De novo temos o reforço da inconstância dos galos; se os romanos resistirem *ao primeiro ataque que eles lançam com violento ânimo e cega ira, logo os braços deles se enfraquecem e as armas caem, devido ao suor e à fadiga*. Fica evidente na perspectiva analisada que os celtas, embora movidos por uma ira inicial, facilmente abandonavam essa bravura. Assim, por esse motivo, e como igualmente os gauleses se enfraqueciam rapidamente *pelo sol, poeira e sede*, os romanos nem precisavam empunhar as armas. Então, no trecho acima, Camilo reafirmou a superioridade romana, dizendo: *não somos experientes apenas nos combates entre nossos exércitos contra os exércitos deles, mas também em luta de um só homem contra outro*.

A seguir ele mencionou os sucessos de Tito Mânlio, Marco Valério e Marco Mânlio. Esses exemplos da virtude bélica serviam de inspiração não só para as tropas que escutavam Mânlio, mas também para os romanos que tinham contato com a *Ab Vrbe condita*. Os feitos desses heróis foram ainda significativos, pois, nessa época, eles *tiveram contato com gauleses de verdade, nascidos em sua terra; esses de agora estão degenerados, miscigenados, e por isso são chamados de galo-gregos*. Lívio relacionou essa perda da primitiva *uirtus* gaulesa com a migração deles e o contato que tiveram com os gregos: com isso, os gauleses a que se refere Mânlio nesse discurso são mera sombra dos celtas de outrora. Lívio então citou outros exemplos de como a miscigenação enfraqueceu as nações, dizendo que os macedônios, que antes possuíram um vasto império, se degeneraram em sírios, partos e egípcios.

O mesmo aconteceu com Marselha que, próxima aos celtas, *tomou muitos dos traços dos vizinhos*. E quanto aos tarentinos, nada restou *daquela dura e temível disciplina espartana*. Mânlio, com todos esses argumentos, deixou claro para as tropas que, ao lutarem com um inimigo tão enfraquecido, eles teriam uma *glória escassa* e, para reforçar essa ideia, ele disse que o rei Átalo *muitas vezes os derrotou e os afugentou*. Se um rei helenístico conseguia vencer por várias vezes esses gauleses degenerados, para os romanos então essa tarefa seria bem tranquila, pois há tempos estavam acostumados com galos de verdade.

Na sequência temos mais detalhes sobre a emigração dos gauleses e a falta de terra como sendo a motivação principal desse ocorrido. Ao chegarem a uma nova região com *um campo*

tão fértil (uberrimo agro), com céu muito ameno (mitissimo caelo), e com vizinhos pacíficos, eles perderam *toda aquela rudeza que tinham quando chegaram.* Nota-se o uso dos superlativos *uberrimo agro* e *mitissimo caelo* para salientar ainda mais as benesses dessa área. Por conseguinte, foram essas favoráveis características geográficas e climáticas que acalmaram os gauleses. Temos um novo alerta para os soldados: da mesma forma que as amenidades da Ásia e o convívio com vizinhos pacíficos degeneraram os galos, o mesmo poderia acontecer com os romanos.

No trecho acima, a justificativa que Lívio usou para explicar por que os gálatas eram mais fracos que os galos fundamentou-se na geografia e no fato de eles terem emigrado para a Ásia Menor.⁵¹ Na Antiguidade, a geografia desempenhava um importante papel para a construção das imagens físicas e morais dos povos descritos nas obras greco-latinas. Foi a partir do texto *Ares, águas e lugares*, atribuído a Hipócrates (século V a.C.), que se fundamentou em detalhes a teoria de que as condições climáticas e naturais de uma região determinavam o caráter e compleição física dos seus habitantes. De acordo com esse pensamento, quanto mais ameno o clima (como na Ásia), mais fraco e tranquilo o povo;⁵² se as circunstâncias do ambiente fossem severas (como em certas áreas da Europa),⁵³ consequentemente os indivíduos seriam mais fortes e corajosos. Como lembra Gruen (2006, p. 295 e 296), para os antigos gregos o clima, sozinho, era capaz de produzir diferenças essenciais entre os próprios gregos, os europeus, os citas, os asiáticos e outros povos.⁵⁴

Sobre essa teoria da geografia influir na constituição física e moral de um grupo de indivíduos, o ponto de vista de Lívio a esse respeito era muito estrito: ele, como historiador que visava exaltar Roma, apenas considerava a influência do meio geográfico em termos de

⁵¹ Vê-se também certo aspecto genealógico, pois os galos se enfraqueceram também pela miscigenação com os gregos.

⁵² Para Hipócrates, a Ásia concentraria tudo que era mais belo, descrevendo-a como uma região dócil, embora não fosse possível que ali se desenvolvesse a virilidade, a vivacidade, ou o gosto pelo esforço (*Ares*, XII, 2 e 6).

⁵³ Hipócrates atribuía a diversidade dos povos da Europa à grande variação das estações (do forte calor a invernos rigorosos, chuvas abundantes a longas estiagens, etc.). Para ele, esse mesmo raciocínio se aplicava aos indivíduos. “Por isso, considero que os habitantes da Europa são mais animosos do que os da Ásia; pois, em climas quase iguais, há indolência; em climas que se modificam, há a vivacidade no corpo e na alma, e, a partir da tranquilidade e da indolência, aumenta a covardia; a partir da vivacidade e dos esforços aumenta a virilidade.” Tradução de Cairus do trecho XXIII, 1-3 (In: HIPÓCRATES, 2005, p. 110-111).

⁵⁴ Além de Gruen, Borca (p. 42 e ss.) fala bastante sobre como os gregos compreendiam o mundo, e explica detalhadamente a teoria hipocrática em relação aos modos e caráter dos indivíduos que habitavam áreas específicas do mundo então conhecido. Embora a teoria geográfica tenha entrado em voga no século V a.C., ela passou a ter contornos políticos mais nítidos com Aristóteles. Na *Política* (1327b), o Estagirita especifica que os gregos, beneficiários de um clima equilibrado entre estações amenas e duras, eram superiores aos outros povos da Europa, que, mesmo sendo fortes para suportar climas desfavoráveis, eram estúpidos e incapazes de governarem a si mesmos. Dessa maneira, Aristóteles justificava o domínio dos gregos sobre as outras nações alegando que eles eram os mais capacitados para governar. Posteriormente, os romanos (como Cícero, ou Plínio, o Velho, e o próprio Lívio) utilizaram-se desse argumento para justificar sua postura imperialista.

consequências morais que essencialmente determinavam o valor guerreiro (no caso, o dos romanos, objeto de sua glorificação) ou a falta de coragem de um grupo, que em *Ab Vrbe Condita* pode ser resumido a todos os que não eram romanos (GIROD, 1982, p. 1223). Finalmente, no trecho acima, o discurso se encerra com mais um exemplo, dessa vez endereçado aos aliados: os romanos, superando os gauleses, teriam *entre os aliados a mesma glória da guerra*. Essa luta, mais do que mero sucesso militar, serviria também como ferramenta importante para granjear o respeito das outras nações.

Considerações finais

Ao considerarmos a definição aristotélica da retórica como sendo a faculdade de teorizar sobre o que é adequado em cada caso para convencer,⁵⁵ notamos que a enunciação (*elocutio*) da obra leviana – e de demais obras da Antiguidade greco-latina – operava-se especialmente através da criação e manutenção de paradigmas (especialmente políticos, militares ou éticos), dirigidos especificamente a um público-alvo. Como lembra Sebastiani (2007, p. 81), essa construção retórica situava a verdade no plano da plausibilidade que o leitor encontra no relato, e não necessariamente na exata correspondência entre realidade e discurso.

A retórica, portanto, também servia para instruir a audiência para os limites do próprio texto; de fato, ao estabelecer as regras para a produção textual, independentemente do gênero escolhido, mais do que o conteúdo em si, o que era bastante esperado pelo público-alvo era a capacidade compositiva do autor e a sua habilidade em compor sua obra respeitando essas normas reguladoras do gênero textual (TRINGALI, 1988, p. 31). Dessa maneira, percebemos que um texto da Antiguidade, qualquer que fosse ele, estava profundamente imbuído de uma finalidade específica, e tudo no discurso era voltado para um propósito ou objetivo do autor; nesse sentido, o texto possui camadas de significados, elaboradas especialmente para um público-alvo capaz de identificar e reconhecer esses elementos.

As passagens que analisamos de *Ab Vrbe condita*, localizadas distantes no tempo (no recorte que fizemos, analisamos trechos referentes a fatos logo após o saque de Roma, e também a guerra entre romanos e gálatas, em 189 a.C.), se perdem na bruma do mito. Sobre os gauleses, Lívio simplesmente preocupou-se em retratá-los como meros inimigos. Ora, o propósito de Lívio era o de moralizar e entreter, sempre ressaltando a virtude romana, e não descrever

⁵⁵ *Retórica*, 1355b.

profundamente os costumes dos outros povos, sua cultura, etc. Para construir a imagem do gaulês como opositor (e inferior) aos romanos, Lívio fez uso de vários estereótipos e figuras representativas que não eram inéditos:⁵⁶ os galos eram descritos como sendo muito altos, possuidores de uma grande força, ferozes, inconstantes, covardes, etc. Sobre esses *tópoi* recorrentes para descreverem uma nação, percebemos que eles funcionavam como marcos colocados na narrativa, de modo que o público imediatamente reconhecesse e identificasse o povo descrito pelo autor do texto. Como Rankin (1996, p. 127) pontua, esses termos-chave usados repetidamente funcionavam na prosa quase como os epítetos empregados na épica.

Lívio, ao escrever sua história dramatizada, buscou tanto exaltar a superioridade de Roma, quanto deleitar seu público com uma narrativa extremamente trabalhada e dramatizada. Aparentemente ele alcançou enorme sucesso ainda em vida, caso possamos confiar nas fontes a esse respeito (embora posteriores ao autor). *Ab Vrbe condita*, por todas as características mencionadas anteriormente, de certa forma virou uma espécie de “épica” nacional que eclipsou todos os anais anteriores (SEBASTIANI, 2007, p. 88).

Referências bibliográficas

Fontes

ARISTÓTELES. **Política**. Introducción, traducción y notas de Manuela García Valdés. Madrid: Gredos, 1988.

_____. **Retórica**. Introducción, traducción y notas por Quintín Racionero. Madrid: Gredos, 1994.

CICÉRON, M. T. **L’orateur, et du meilleur genre d’orateurs**. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

HIPÓCRATES. Ares, Águas e Lugares. In: CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR., Wilson A. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005, p. 91-129.

TITE LIVE. **Histoire romaine: livre VII**. Texte établi par Jean Bayet et traduit par Raymond Bloch. Paris: Les Belles Lettres, 1968, tome VII.

_____. **Histoire romaine: livre XXXVIII**. Texte établi et traduit par Richard Adam. Paris: Les Belles Lettres, 1982, tome XXVIII.

⁵⁶ Citamos ao longo deste trabalho vários exemplos de estereótipos de representação dos gauleses em alguns autores greco-latinos, como Políbio (que serviu de fonte para Lívio), e também autores próximos da época em que Lívio viveu, como Diodoro Sículo, César, Cícero e Estrabão. Evidentemente, ao longo de toda a literatura latina, os galos apareceram em vários textos historiográficos e de outros gêneros de composição. Exemplos disso podem ser encontrados em Catulo (poemas 37 e 39); Salústio (*Bellum Iugurthinum*, 114); Valério Máximo (*Facta et dicta memorabilia*, II, 6 e III, 2); Virgílio (*Aeneis*, VIII, 656); Ovídio (*Amores*, I, 15 e *Fasti*, IV, 361); Lucano (*Bellum ciuile*, IV, 10); Amiano Marcelino (*Rerum gestarum*, XV, 12, 1), dentre outros.

Estudos

ANDRÉ, Jean-Marie; HUS, Alain. **L'Histoire à Rome: historiens et biographes dans la littérature latine.** [s.l.]: Presses Universitaires de France, 1974.

BECK, Hans. The early Roman tradition. In: MARINCOLA, John (ed.). **A companion to Greek and Roman historiography.** Oxford: Blackwell Companions to the Ancient World, 2007, v. 1, p. 259-265.

BORCA, Federico. **Luoghi, corpi, costumi: determinismo ambientale ed etnografia antica.** Roma: Edizione di Storia e Letteratura, 2003.

BRISCOE, John. **A commentary on Livy: books 38-40.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

BROWN, A. Civilized Gaul: Caesar's portrait of Piso Aquitanus (De bello Gallico 4.12.4-6). **Mnemosyne: a journal of Classical Studies,** Amsterdam, v. 67, f. 3, p. 391-404, 2014.

CHAPLIN, Jane D. **Livy's exemplary history.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

CONTE, Gian Biagio. **Latin Literature: a history.** Trad. Joseph B. Solodow. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

DAUGE, Y.A. **Le barbare, recherches sur la conception romaine de la barbarie et de la civilisation.** Bruxelles: Éditions Latomus, 1981.

FORNARA, Charles. **The nature of history in ancient Greece and Rome.** University of California Press, 1983.

GIROD, M. R. La géographie de Tite-Live. In: HAASE, Wolfgang (ed.). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt (ANRW).** Berlin: Walter de Gruyter, 1982, band II, 30.2, p. 1190-1229.

GRUEN, Erich S. Greeks and non-Greeks. In: BUGH, Glenn R. (ed.). **The Cambridge Companion to the Hellenistic world.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 295-314.

FORSYTHE, Gary. **A critical history of early Rome: from prehistory to the first Punic War.** Berkeley: University of California Press, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo A.; GARRAFFONI, Renata Senna. **Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito.** Campinas: Editora Unicamp, 2016.

LINTOTT, Andrew W. Roman historians. In: BOARDMAN, John; GRIFFIN, Jasper; MURRAY, Oswyn (eds.). **The Oxford History of the Classical World.** Oxford: Oxford University Press, 1986, p. 529-539.

LUCE, T. J. **Livy: the composition of his history.** Princeton: Princeton University Press, 1977.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. **Les genres littéraires à Rome**. Paris: Nathan/ Scodel, 1981.

MARTINS, Paulo. **Literatura latina**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

OAKLEY, Stephen P. **A commentary on Livy: books VI-X**. Oxford: Clarendon Press, 1998, v.II.

OGILVIE, R. M. **A commentary on Livy: books 1-5**. Oxford: Clarendon Press, 1965.

OLIVER, Graham J. History and rhetoric. In: BUGH, Glenn R. (ed.). **The Cambridge Companion to the Hellenistic world**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 113-135.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura clássica**. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, v.2.

PHILLIPS, Jane E. Current research in Livy's first decade: 1959-1979. In: HAASE, Wolfgang (ed.). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt (ANRW)**. Berlin: Walter de Gruyter, 1982, band II, 30.2, p. 998-1051.

RANKIN, David. **Celts and the classical world**. London: Routledge, 1996.

RIGGSBY, Andrew. M. **Caesar in Gaul and Rome: war in words**. Austin: University of Texas Press, 2006.

SEBASTIANI, Breno. A política como objeto de estudo: Tito Lívio e o pensamento historiográfico romano do século I a.C. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). **História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga**. São Paulo: Alameda, 2007, p. 77-96.

SHERWIN-WHITE, Adrian N. **Racial prejudice in imperial Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

Recebido em: 17/04/2020

Aceito para publicação em: 28/05/2020